

FUTEBOL, NEGROS E O VARGUISMO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A QUESTÃO RACIAL

Soccer, black people and varguismo: the construction of national identity and the racial issue

Futebol, negros e o varguismo: la construcción de la identidad Nacional y la cuestión racial.

Maycon Emílio Vicente Alves ¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o texto *Foot-ball Mulato* publicado em 1938, pelo sociólogo Gilberto Freyre. A publicação tem como tema a história dos negros no futebol brasileiro. Desse modo, buscamos compreender como a construção da narrativa está relacionada ao período em que foi produzida, com o intuito de entender como tais histórias têm potencial para colaborar com a ideia de democracia racial. A análise das narrativas é feita a partir da categoria de representação, a qual foi utilizada para perceber como os textos criam representações acerca do jogador negro e como essas imagens criadas foram expostas nas narrativas. Além disso, tentamos notar como o autor produz narrativas a respeito de uma brasilidade que tem função de afirmar o Brasil enquanto um país democrático racialmente.

Palavras-Chaves: Racismo. Futebol. Discurso. Representação. Brasilidade.

Abstract: This article aims to analyze the text *Foot-ball Mulato* published in 1938 by the sociologist Gilberto Freyre. The theme of the publication is the history of black people in Brazilian football. In this way, we seek to understand how the construction of the narrative relates to the period in which it was produced, in order to understand how such stories have the potential to collaborate with the idea of racial democracy. The analysis of the narratives is done in two ways: the first, from the representation of category, which was used to understand how the texts create representations about the black player and how these created images were exposed in the narratives. In addition, we try to understand how the author produces narratives about a Brazilianness that has the function of affirming Brazil as a racially democratic country.

Keywords: Racism. Soccer. Discourse. Representation. Brasilidade.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar el texto *Foot-ball Mulato* publicado en 1938, por el sociólogo Gilberto Freyre. La publicación tiene como tema la historia de los negros en el fútbol brasileño. Así, buscamos entender cómo la construcción de la narrativa se relaciona con el período en que fue producida, para comprender cómo tales historias tienen el potencial de colaborar con la idea de democracia racial. El análisis de las narrativas se hace a partir de la categoría de representación, que se utilizó para entender cómo los textos crean representaciones sobre el jugador negro y cómo esas imágenes creadas fueron expuestas en las narrativas. Além disso, procuramos notar como o autor produz narrativas sobre a brasilidade que têm a função de afirmar o Brasil como um país racialmente democrático.

Palabras clave: Racismo. Fútbol. Discurso. Representación. Brasilidade

¹ Mestre em História. Universidade Federal de Ouro Preto (Doutorando em História), Mariana, Minas Gerais, Brasil. maycon.alves@aluno.ufop.edu.br; <http://lattes.cnpq.br/3774746101816834>; <https://orcid.org/0000-0001-7427-9014>.



Recebido em: 30 de jan. de 2023
Aceito em: 18 de mar. de 2023

Introdução

Neste artigo, temos como objetivo descrever como a conjuntura das décadas de 1930-1940 desenvolveu um sentimento de pertencimento nacional que se apoiou no futebol e o utilizou como um meio para um fim. Esforçamo-nos para demonstrar como a narrativa de Gilberto Freyre, em seu artigo *Foot-ball Mulato*, criou discursos que convergem com a ideia de que, no Brasil, experienciava-se um paraíso racial. Buscamos também compreender como as narrativas desse autor criaram formas de representações que estão fundamentadas a partir da estereotipagem.

Embora a temática desenvolvida nesse estudo não seja de caráter inédito, uma nova releitura se faz oportuna, sobretudo, pelo ressurgimento do tema nos debates historiográficos. Desta maneira, partimos de anseios e olhares da contemporaneidade para contribuir com o debate atual que envolve as discussões sobre o futebol e relações raciais. Com este estudo, pretendemos contribuir com reflexões sobre como a ideia de brasilidade foi construída no Brasil e fortemente difundida a partir dos governos de Getúlio Vargas, que utilizaram o futebol para confirmar tais traços. A ideia de um futebol mulato ou de um jeito abasileirado de atribuir sentidos à prática do ludopédio pode estar no cerne deste trabalho, o qual se apresenta com caráter universalista, apropriando-se de traços de diversas culturas, especialmente da afro-brasileira.

Ao longo do trabalho, mostramos como o futebol, no Brasil, não é uma prática social isolada e como está imersa em uma sociedade atravessada por tensões raciais. Nesse sentido, parece não ser possível que o futebol seja uma ilha rodeada por ambientes e experiências racistas e que somente este esteja livre de tais experiências. Assim, demonstramos, a partir da narrativa de Gilberto Freyre como o futebol é sim um ambiente racializado e cheio de tensões dessa natureza.

No anseio de somar à luta antirracista e ao estabelecimento de justiça racial em nosso país, segue esta pesquisa. Compreendemos que, para a efetivação da justiça é preciso realizar diversas ações, e uma delas é a reflexão teórica. Desse modo, sem tirar a importância de políticas públicas que convertem o Brasil em um país mais justo racialmente, colaboramos com tal reflexão. Partimos das seguintes inquietações: o que torna a questão racial tão



complexa de ser abordada ainda na atualidade? O que torna esse debate tão insubmisso em nosso país, sobretudo, nos últimos anos? Mais de meio século após a primeira legislação criada para combater o racismo no país – a Lei Afonso Arinos (1951) – ainda vivemos situações de negação da sua existência. Um caso que exemplifica essa situação ocorre quando o então presidente da Fundação Palmares questiona a existência do racismo na sociedade brasileira, fato ocorrido em novembro de 2019².

Nesse sentido, faz-se necessário fomentar o entendimento do que é racismo e compreender as facetas dessa estrutura que se formou também em terras brasileiras. Segundo Almeida, o racismo pode ser entendido como

uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2018, p. 25).

A década de 1930 é um momento em que o Brasil começa a passar por algumas reviravoltas do ponto de vista político, social e cultural. É fomentado em nosso país certa noção de brasilidade, ou seja, apropriação de características das etnias afro-brasileiras e sua transformação em símbolo nacional. Nesse período, surgiram diversas narrativas que propagavam a brasilidade por meio do futebol. Esta pesquisa se propõe a estudar tais narrativas a partir de duas categorias: representação e discurso – a primeira para apurar como, dentro da ideia de brasilidade, foram criadas representações variadas de jogadores negros, buscando notar quais eram os sentidos criados por elas. Do mesmo modo, perceber como o discurso produzido dentro dessas narrativas contribuiu para propagandear palpites, concepções e significados que convergiam ao ideal de um Brasil que se tornava mais democrático e harmônico racialmente.

Metodologia

Com o objetivo de investigar as narrativas criadas por Gilberto Freyre no artigo *Football Mulato*, buscamos destacar como a ideia de democracia racial foi desenvolvida, tendo o futebol e os jogadores negros como elementos fundamentais nessas narrativas, bem como tal discurso convergia com a construção de uma identidade nacional, cunhada em uma ideia de harmonia e brasilidade.

² Para saber mais sobre afirmação da inexistência do racismo pelo presidente da Fundação Palmares, ver: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/11/27/interna_politica.809699/presidente-da-fundacao-palmares-nega-racismo-e-pede-fim-do-movimento.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2020.



A escolha de analisar Freyre se dá pelo fato de sua obra influenciar o ambiente que envolve o futebol, assim como grande parte dos intelectuais do Brasil naquele momento. Outra razão é que os discursos criados pelo sociólogo a respeito da brasilidade funcionam como uma “porta de entrada” para acessarmos o contexto dos anos 1930-1940, período em que o referido texto foi produzido, assim como as mais destacadas obras do autor.

O trabalho é desenvolvido a partir da análise do artigo de jornal intitulado *Football mulato*, publicado em 1938, no *Diário Pernambucano*. Durante a análise de tal documento, tivemos a preocupação de evitar quaisquer perspectivas que utilizam as fontes como mera afirmação de uma visão pessoal, indo ao encontro do que historiador Rafael Lapuente (2015) desenvolve sobre os aspectos de trabalhar com fontes de jornal impresso, visão que se estende a qualquer análise de documentação. O autor afirma que

[...] para análise de qualquer fonte: a ideia de realizar uma pesquisa com resultados pré-concebidos, que invariavelmente tendem a levar o estudo a uma vulgarização. Pensamos que, dessa maneira, o historiador procura não uma investigação, mas apenas corroborar e confirmar aquilo que ele mesmo já elencou como “verdade” (LAPUENTE, 2015).

Dessa forma, buscamos investigar caminhos para analisar as representações e os discursos presentes em seu texto. A fim de contribuirmos com novas formas de apreensão sobre o discurso de brasilidade que está presente no texto de Gilberto Freyre. Compreendendo que o ofício do historiador depende enormemente do estudo das fontes, podemos dizer que há um trabalho, entre tantos outros, de atribuição de sentido às palavras, caminhando na direção da busca por respostas para a seguinte questão: o que fazia o autor quando falava ou silenciava algo naquele momento histórico? É a partir dessa perspectiva que se desenvolve este trabalho.

Revisão bibliográfica sobre o futebol

Este tópico tem a intenção de contribuir com o campo da História que estuda o futebol, destacando as principais características de trabalhos historiográficos que têm esse esporte como objeto de pesquisa e que o abordam a partir da ótica das relações raciais e/ou como parte essencial para a formação da identidade nacional. Ao lidarmos com trabalhos que estudam o futebol a partir de um viés histórico, é possível identificar uma diversidade de temas, tais como: futebol e política, futebol e identidade nacional, futebol e mídia, futebol e cultura, futebol e raça, dentre outros. Diante da diversidade temática interna à historiografia



do futebol, focamos nos trabalhos que dialogam mais diretamente com a investigação desenvolvida.

Realizamos nesta parte do trabalho um balanço bibliográfico que privilegia produções em torno da historiografia do futebol. No entanto, este levantamento não se restringe a produções exclusivamente do campo da História. Utilizamos também estudos de áreas como Sociologia, Antropologia e Jornalismo, nas quais se tornaram comum pesquisar e estudar o futebol sobre prismas diversificados.

Drumond et al. (2012) apresentam algumas das principais obras³ dentro da história do futebol brasileiro com o objetivo de marcar as produções ao longo do século XX e tecer reflexões conceituais e metodológicas⁴, buscando evidenciar como foi construída a memória do futebol por aqueles que a escreveram. É oportuno destacar esse texto porque ele caminha na direção do que se pretende esta seção – mapear os estudos sobre a história do futebol. Contudo, nossa intenção está além de apontar os textos que abordam as origens do esporte no Brasil, uma vez que procuramos destacar estudos a partir das temáticas de raça e racismo e a formação da identidade nacional via futebol.

No que diz respeito ao meio esportivo, o período de 1938 a 1951 foi marcado por questões políticas e raciais⁵, tais como a tentativa de Getúlio Vargas em controlar o futebol e a ascensão de atletas negros aos grandes clubes brasileiros. Quando procuramos pelos estudos acerca do futebol, no recorte mencionado, é comum encontrarmos trabalhos que versam sobre os temas da política e da raça. O primeiro está bastante ligado à formação da identidade nacional, pensada e estimulada pelas políticas culturais e esportivas varguistas; o segundo, ao debate da inserção dos atletas futebolistas negros, vários deles dando ênfase à figura de Leônidas da Silva.

Ainda sobre as relações entre o futebol e a política, é possível afirmar que o futebol foi utilizado por diversos atores sociais, tais como a imprensa, as classes políticas e os torcedores, com a finalidade de arquitetar um sentimento de pertencimento e de identidade nacional no Brasil, durante as décadas de 1930 e 1940. Souza (2008) questiona a ideia de que a construção

³ Dentre as obras selecionadas pelos autores estão: **O verbete de desportos do Dicionário Histórico, Ethnográfico e Geográfico do Brasil**, escrito por Roberto Trampowski Junior e Francisco Calmon; **Grandezas e mazelas do nosso futebol**, escrito por Floriano Peixoto Correia; **O Negro no Foot-ball Brasileiro**, escrito por Mário Filho; **História do Futebol no Brasil**, escrito por Thomás Mazzoni; **História Política do Futebol Brasileiro**, escrito por Joel Rufino Dos Santos.

⁴ Os autores realizam revisão bibliográfica e buscam explicitar como a memória sobre o futebol foi elaborada por aqueles que “seguravam a caneta” na escrita de suas histórias.

⁵ A respeito do contexto dos anos 1938 a 1951, ver: WISNIK, José Miguel. *A Elipse: O futebol Brasileiro*. In: **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**, 2008.



da identidade nacional ocorreu de forma unilateral, como uma ação capitaneada apenas pelo Estado. O autor defende que as classes populares, o povo, tem papel fundamental na reprodução e circulação de perspectivas identitárias. A esse respeito, Ferreira (2008), no prefácio do livro “O Brasil entra em campo!” afirma:

Não se tratou de um processo de mão única, em que o Estado, de cima para baixo, impôs suas políticas públicas à sociedade. A via foi de mão dupla, permitindo que o Estado respondesse a anseios e demandas da própria sociedade – que também foi protagonista do processo de oficialização dos esportes (FERREIRA, 2008, p. 14).

Nesse contexto, o futebol foi meio para um fim, pois é a partir dele que se tenta contribuir para a construção de uma ideia de harmonia na sociedade brasileira. Isso pode ser observado ao comparar o selecionado brasileiro antes da Copa do Mundo de 1938 – majoritariamente composto por jogadores brancos, marcando o elitismo da equipe ao apresentar uma seleção que se distanciava de grande parte da população brasileira, marcadamente preta e parda – com a Copa do Mundo da França (1938) – a primeira competição em que o time era completamente misturado racialmente, composto por vários jogadores negros. Essa nova composição do time, com a entrada de atletas como Domingos Antônio da Guia e Leônidas da Silva, criou uma roupagem mais popular, característica que foi usada para corroborar com a ideia de um Brasil representado racialmente de acordo com as características de seu povo e unidos com um sentimento de nação através da seleção.

Após a competição [copa do mundo de 1938], firmaram diversas representações de futebol e de identidade nacional que perduraram até os dias de hoje: “futebol-arte”, “pátria em chuteiras”, “Brasil, país do futebol” e outros. O Estado esteve presente nesta construção, mas não somente o Estado. A imprensa esportiva também desempenhou um importante papel. Mas o quadro não estaria completo se não contássemos com a participação das pessoas humildes, do simples torcedor, dos trabalhadores em geral, que tinham concepções diversas sobre nação e identidade nacional, mas, nem por isso menos importantes (SOUZA, 2008, p. 18).

No debate sobre a construção da identidade nacional, destacam-se, além de Denaldo Souza (2008) e Jorge Ferreira (2008), os estudos de Simoni Guedes (1977), de Fabio Franzini (2000) e de Felipe Machado (2019). Esses são autores que trabalham sob a ótica da formação da identidade nacional a partir do futebol.

Em seu texto “No campo das ideias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística (2000)”, Franzini aborda a perspectiva que aponta para uma nova e autêntica ‘identidade coletiva’ marcada, principalmente, pela mestiçagem que, de acordo com Gilberto Freyre, explica-se pelo original traço integrador em sua reinterpretação da história do Brasil. Nesse sentido, o futebol teria atuado em conjunto com esse momento de reviravolta na forma



de enxergar o Brasil e seus antagonismos sociorraciais. Nesse suposto equilíbrio, estaria a singularidade do povo brasileiro, e a mestiçagem deixava de ser vergonha para ser encarada como orgulho (FRANZINI, 2000, p. 02).

A dimensão nacional que tomou o futebol fez com que esse esporte tivesse aceitação por todos os grupos sociais, e que, de acordo com Mario Filho (1947), a consequência foi um novo modo de jogá-lo, isso por causa da “identidade e essência” do ser brasileiro.

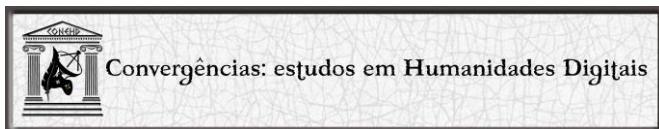
O trabalho de Thiago Maranhão (2006) sobre o papel do futebol no pensamento de Freyre a respeito do povo brasileiro contribui para o debate sobre a formação de uma identidade nacional, e sobre o futebol e as relações raciais experienciadas naquele contexto. Para o desenvolvimento de sua análise, o historiador faz uma regressão até o começo da década anterior, os anos de 1930, e o começo das políticas varguistas; e identifica que uma das principais metas de Getúlio Vargas era superar as clivagens causadas pela falta de identificação de grande parte dos habitantes do Brasil para com um sentimento de pertença nacional (MARANHÃO, 2006). Esse sentimento de pertença nacional se tornou muito adequado no processo de imaginar uma comunidade brasileira, pois

Foi nesse contexto que Gilberto Freyre surgiu, oferecendo um caminho para (imaginar a nação) brasileira, um modelo de integração para imigrantes e afro-brasileiros, resolvendo assim, o problema: criar naquela gente, o sentimento de fazer parte da nação. [...] O futebol proporcionou um poderoso meio de fomentar, na população brasileira, o sentimento de “pertencer” e propagou as ideias de Gilberto Freyre a respeito de uma bem sucedida, vitoriosa e, por conseguinte, “superior” sociedade mulata (MARANHÃO, 2006, p. 436).

O trabalho de Maranhão chama atenção para um aspecto importante dentro da historiografia. Há pouco mais de quinze anos, o autor escrevia: “a questão racial ainda está muito presente na sociedade brasileira e merece especial atenção não só de antropólogos, mas sobretudo de historiadores, em todos seus segmentos” (MARANHÃO, 2006, p. 444). Apesar de ser possível observar uma crescente na discussão negro-brasileira⁶, a atual conjuntura mostra ser necessário o fortalecimento do debate racial. Perfaz quase duas décadas e o autor traçou a seguinte ideia:

Criou a impressão errônea de que a questão dos negros no Brasil é radicalmente diferente e indubitavelmente menos complexa do que nos Estados Unidos. Nas palavras de José Correia Leite: “nós vamos sendo tragados pela mentira sentimental de que no Brasil não há preconceito, mas continua sendo uma vasta senzala, com alguns negros na casa-grande” (MARANHÃO, 2006, 448).

⁶ A esse respeito ver: GONÇALVES, et al. **Pensando Áfricas e suas Diásporas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.



Foi projetado no futebol brasileiro um sentimento de harmonia nacional, onde primeiro se criou, teoricamente, esse sentimento, e depois difundiu-se, efetivamente, na sociedade de modo geral. Essa perspectiva colocou a comoção nacionalista como um potencial de compor o futebol, tornando-se muito pertinente para colaborar com a imaginação da comunidade brasileira. Pelo fato de o futebol ser um marco identitário brasileiro, produto de um projeto político-cultural liderado pelo Estado, com participação de outros grupos da sociedade civil, como a imprensa e o cidadão, o futebol merece ser considerado, em sua condição histórica e cultural, como fator imprescindível no processo de criação de uma identidade brasileira (MARANHÃO, 2006, p. 448).

Getúlio Vargas, o futebol e a identidade nacional

São várias as razões para a compreensão do que levou o Brasil a caminhar para um regime getulista. José Murilo de Carvalho (2001) resalta pontos que contribuíram para essa situação:

Um deles tinha a ver com o apoio dos integralistas ao golpe. Seus chefes achavam que seria a oportunidade de chegarem ao poder, de executarem o equivalente da Marcha sobre Roma dos fascistas italianos. Outra razão era a bandeira da luta contra o comunismo. O governo sem dúvida exagerara o perigo comunista, mas o fizera exatamente por conhecer o medo que uma população profundamente católica tinha do regime soviético. Um terceiro motivo relaciona-se com a postura nacionalista e industrializante do governo. Ao mesmo tempo em que anunciava o fechamento do Congresso, Vargas pregava o desenvolvimento econômico, o crescimento industrial, a construção de estradas de ferro, o fortalecimento das forças armadas e da defesa nacional (CARVALHO, 2001, p.107).

O governo de Vargas trouxe implicações diretas ao esporte, com ênfase no futebol e nas questões raciais, pois via no mesmo um dos caminhos para a afirmação de um novo tipo nacional; nesse sentido, o governo apoiou e apressou a oficialização dos esportes⁷. Um ano antes da Copa do Mundo de 1938, Vargas, por meio de uma emenda parlamentar apresentada pelo deputado aliado Pádua Soares, pedia plenos poderes para intervir do modo que quisesse no esporte.

A emenda chamada “Pádua Soares” foi uma maneira de obrigar os clubes a se submeterem à oficialização. A matéria veiculada na primeira página do Jornal dos Sports em 3 de janeiro de 1937, com o título “O governo quer apressar a oficialização dos sports”, demonstra o interesse do governo em tomar medidas acerca do controle dos esportes praticados no país, em especial no futebol.

⁷ Para ver mais sobre as implicações do Estado Novo no esporte, ver: MIRANDA (2007).



Agora podemos informar que o presidente Getúlio Vargas se dirigiu aos deputados da maioria fazendo-lhes saber que seria grato a votação da emenda Padua Soares [sic], autorizando o governo a intervir no sport. Tal facto veio dar nova feição aos trabalhos pela officialização do sport. Demonstra claramente que o governo quer tomar medidas a respeito (JORNAL DOS SPORTS, 3 de jan. de 1937, p. 1.).

A emenda é um dos exemplos da tentativa de intervenção do governo Vargas no esporte, “o presidente encaminhou para os deputados da maioria e disse que a aprovação da emenda o deixaria bastante grato” (JORNAL DOS SPORTS, 1937, p. 01), e apenas teve sucesso quando a oposição cedeu. Fato devido ao clima atingido durante os Jogos Olímpicos da Alemanha, quando a sociedade, com apoio dos jornalistas, torcedores e atletas, aceitou tal ideia (SOUZA, 2008, p. 57).

É possível inferirmos, como aponta Denaldo Alchorne de Souza (2008), que o Estado esteve interessado no controle dos desportos, durante o Estado Novo, para que fossem firmadas diversas representações nas quais assimilava-se o futebol a uma identidade nacional. Porém, é preciso estar ciente que esse processo não aconteceu de forma vertical, de cima para baixo. A experiência da formação da identidade nacional, sobretudo quando considera o esporte como meio para um fim, pode e deve ser entendida como um processo multifacetado, em que o Estado divide lugar com a imprensa e com a população.

A tese defendida por Souza (2008) ajuda a pensar em como o varguismo empenhou-se em construir um sentimento de nacionalidade, que utilizou o futebol e os discursos de disciplina e de Brasil mestiço para a formação desse sentimento de pertencimento. O autor ainda reconstrói essa formação, dizendo que

O que decidiu, ao meu ver, foi o clamor de grande parte da sociedade. Os grupos que defendiam a oficialização dos esportes obtiveram apoio social – e daí a vitória de suas propostas. Além disso, não podemos esquecer o contexto internacional, que naquele momento era favorável à intervenção do Estado nos esportes (SOUZA, 2008, p. 57).

O Estado Novo utilizou a imagem de uma seleção racialmente diversificada para argumentar a favor da ideia de uma nação brasileira miscigenada. O que é verdade, contudo, é que o trabalho executado pelo varguismo se aproveitou do contexto em que a identidade nacional, junto com a ideia de brasilidade, estava sendo fortemente difundida pelos intelectuais (tais como Mário Filho e Gilberto Freyre), pelos artistas modernistas, e pela imprensa esportiva, para mascarar a realidade – um país repleto de diferenças e sem igualdade racial – e bradar ao mundo um Brasil repleto de proporcionalidade e simetria entre as raças. É nesse ponto que encontramos a deturpação. A posição de fomentar a ideia de democracia



racial não surgiu apenas do governo, talvez seja uma relação permeada por vários seguimentos da sociedade, e um desses, responsável pela forte difusão de tais ideias, foi o dos intelectuais, que se colocavam na posição de pensar e representar o Brasil.

O futebol, por ter se tornado uma prática da cultura popular, foi um dos veículos utilizados por Vargas para evidenciar o Brasil enquanto um país da mistura racial, um país de todos. No entanto, não foi apenas a partir dele que esse imaginário se criou. Outros elementos da cultura foram assimilados a um bem nacional e, nessa conjuntura, destaca-se a capoeira e o samba.

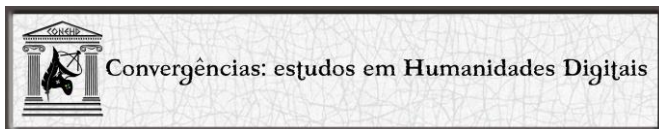
A capoeira é uma das marcas da resistência negra no Brasil, e atualmente é considerada Patrimônio Imaterial da Humanidade e Patrimônio Cultural Brasileiro. Mas para que chegasse até esse momento de reconhecimento, muito aconteceu. A capoeira é uma prática cultural que envolve autodefesa, expressão corporal, ginga, música e está presente em nosso país desde o período colonial, difundida e praticada pelos ancestrais africanos que viveram nesta terra⁸.

Em movimento semelhante ao da capoeira, o samba também passa por um processo de nacionalização, processo esse que pode ser entendido como desafricanização, isso é, a personificação de elementos culturais africanos enquanto símbolo de uma identidade nacional. Símbolo forte da cultura afro-brasileira, o ritmo passa a ser considerado um item da cultura nacional e, portanto, mestiça. Este gênero musical já vinha se desenvolvendo desde o começo do século XX, e Vargas, com o crescimento da indústria fonográfica e na busca de oferecer ao país aquilo que fosse mais brasileiro, aproveitou o crescimento e popularização do samba. Mesmo sendo um ritmo crescente no Brasil, sua utilização, por parte do Estado, como característica da brasilidade, contribuiu para sua consolidação dentro do cenário nacional (BISSOLI, 2004).

Vargas fez da cultura uma área de atuação política. Isso fica evidente com a legalização da capoeira, apropriação do samba e regulamentação do Candomblé.⁹ A grande façanha de Getúlio Vargas e da imprensa que o apoiava, assim como de uma parte intelectual, foi incentivar certa “valorização” dos aspectos mestiços da sociedade brasileira. Uma boa

⁸ Para saber mais sobre a capoeira, ver: CORDEIRO, Abert A. de Souza; CARVALHO, Nazaré Cristina. Capoeira, do crime à legalização: Uma história de resistência da cultura popular. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.2, n. 4 jan.-jun. 2013. p.68-80.

⁹ Para saber sobre o candomblé, ver: CORDEIRO; CARVALHO, 2013. E OLIVEIRA, Nathalia Fernandes de. A repressão policial às religiões de matriz afro-brasileiras no Estado Novo (1937-1945). 2015. 173f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2015.



forma de exemplificar o acontecido é o texto de Gilberto Freyre, que será analisado no tópico seguinte, ambos contendo a exaltação de um caráter nacional a partir da figura do sujeito fruto da miscigenação. Esse comportamento de apresentar o mulato, que no seu nascimento é o resultado do covarde cruzamento de sangue, como confirmação de harmoniosas e saudáveis relações raciais no Brasil é desaprovado por Kabengele Munanga (2019, p. 86).

O autor Jacques d'Adesky (2001), sobre o contexto do regime getulista, pontua:

É o caso, em especial, dos nacionalismos dos Estados multirraciais ou multiétnicos que constroem políticas assimilacionistas privilegiando a matriz cultural dominante. Na medida em que esses nacionalismos defenderam uma homogeneidade cultural, um pertencimento religioso ou histórico comum, eles podem impor, pelo recurso a veledades totalitárias, modelos normativos que excluem os que são diferentes. O nacionalismo torna-se então um movimento voltado para desenraizar e homogeneizar, impondo àqueles que vivem no mesmo território um modelo normativo do humano (D'ADESKY, 2001, p. 62).

A respeito da experiência vivida no Brasil, no final dos anos 1930, com o regime varguista e ascensão de um nacionalismo, podemos apontar que tais políticas impediram o reconhecimento do Brasil enquanto um país plurirracial.

Freyre e o futebol mulato

A marca de 1938 é importante para essa pesquisa não apenas pelas declarações de Gilberto Freyre sobre o futebol “abrasileirado”, mas porque, nesta data, o futebol começa a ser considerado uma referência na identidade brasileira a partir das políticas do governo de Getúlio Vargas e da ditadura estado-novista, que propagandeavam essa caracterização do nacional. É nesse contexto que a fala de Freyre ganha significado (ALBERTO, 2017). As políticas nacionalistas de Vargas estão, de modo direto, associadas à ideia de construção de um novo homem brasileiro, na qual a miscigenação é um dos elementos estruturais e distintivos da experiência civilizatória brasileira em relação aos outros povos. Nessa mesma circunstância, o esporte, de modo geral, é colocado como importante fator para construir o homem atual. E é com esse pano de fundo que o futebol se transforma em um esporte popular.

O ano de 1938 é marcado pelo primeiro pódio brasileiro em Copas do Mundo, o selecionado nacional conseguiu a terceira colocação após vencer a Suécia por 4 x 2, no dia 19 de junho daquele ano. A conquista pode ser considerada importante por duas razões: a primeira pela quebra da tradição de não haver jogadores negros nas seleções anteriores, ao menos na proporção de sua representatividade; a segunda, foi pelo resultado obtido pela seleção, que diferente das competições anteriores, deu aos torcedores brasileiros razão para



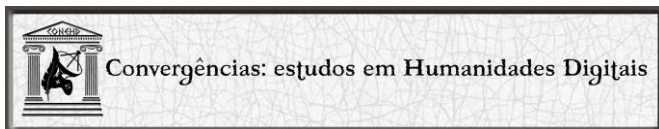
acreditar que aquele time realmente representava o país. Segundo o autor José Miguel Wisnik (2008), a seleção que foi à França disputar o mundial

foi uma seleção assumidamente miscigenada, e pela primeira vez representativa do que havia de melhor no futebol já profissionalizado do país, dando esperanças às multidões que acompanhavam sofregamente, havia pelo menos vinte anos, as disputas internacionais sul-americanas (WISNIK, 2008, p. 184).

É significativo para a análise ressaltar que, no discurso de Freyre, o futebol do Brasil passou a ser considerado realmente brasileiro em 1938, na Copa do Mundo da França, com a inserção dos jogadores negros na seleção, a exemplo de Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Romeu Pellicciari e Elba de Pádua Lima (conhecido por Tim). Desse modo, ao longo da análise que segue nas próximas páginas, será notado como Freyre utiliza o futebol – elemento crescente da cultura popular à época – para associar a ideia de nação, brasilidade, civilidade e até cidadania. Mas quem é Gilberto Freyre?

Nascido em Recife, capital de Pernambuco, em 1900, Gilberto de Mello Freyre tornou-se um dos principais nomes da sociologia brasileira, em meados do século XX. Freyre realizou grande parte de sua formação acadêmica nos EUA, e titulou-se mestre em 1922 com a dissertação *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* (Vida social no Brasil em meados do século XIX, tradução livre). Desde então, concentrou-se em estudar a vida social no Brasil. Sua obra mais conhecida é o ensaio interpretativo *Casa Grande & Senzala*, publicado no ano de 1933, texto em que estuda as relações sociais no Brasil do período colonial. Para o autor, a mistura racial não é vista como um fardo, e sim como “fado” – ou seja, o destino do povo brasileiro – e, em seu pensamento, raça é entendido como efeito e não causa dos problemas brasileiros. O autor é crítico de qualquer noção de pureza para compreender a sociedade brasileira e defende um processo de compreensão do país de “dentro”, isso é, o brasileiro é quem deve compreender o Brasil. É possível assimilar as posições de Gilberto Freyre, principalmente, nos escritos sobre o futebol, enxergando-o como um modernista, uma vez que em *Foot-ball Mulato* e no prefácio do livro *Negro no Foot-ball Brasileiro*, o autor constrói em sua narrativa algo que seja genuinamente brasileiro, o futebol abraçável. A respeito da aproximação de Freyre com ideias modernistas, Veloso (2015) afirma que

é possível identificar “afinidades eletivas” entre suas propostas de interpretação da cultura brasileira e algumas proposições fundantes do modernismo, elaboradas por outros intelectuais da mesma geração do autor, Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Manuel Bandeira. [...] Entre esses traços pode-se destacar alguns eixos



temáticos definitivos rumo à renovação interpretativa da cultura brasileira, tais como a substituição (pelo menos tentativa) do conceito de raça pelo de cultura e a introdução mais avançada da idéia de meio geográfico, antecipando-se, assim, à própria idéia de meio ambiente, uma vez que voltada mais para uma perspectiva ecológica, em detrimento do então dominante e implacável determinismo geográfico (VELOSO, 2000, p. 362).

A escrita de Freyre não é um fato isolado, a Copa do Mundo de 1938 foi também uma referência do projeto nacionalista de Getúlio Vargas, o evento esportivo chamou a atenção de setores sociais, políticos e intelectuais. Após 1938, o futebol passa a ser considerado um objeto de estudo das ciências sociais, devido a seu reconhecimento como prática cultural brasileira (NASCIMENTO, 2010). É sob essa ótica que devem ser compreendidos o escrito de Gilberto Freyre.

A Copa do Mundo da França foi o grande acontecimento esportivo quando é destacado o futebol brasileiro em âmbito nacional no ano de 1938. No entanto, para além da competição, interessa-nos a publicação do comentário de Gilberto Freyre sobre o desempenho da seleção brasileira nos campos de Strasburgo e Bordeaux. A ênfase na fala do autor pernambucano se faz oportuna, uma vez que ele influencia diretamente Mário Filho na escrita de seu livro, tanto sobre a ideia do que é o povo brasileiro, quanto sobre os jogadores negros no futebol brasileiro (SOUZA, 2018, p. 156).

Ao nos depararmos com os discursos de Freyre sobre o futebol e, mais tarde, com o de Mário Filho, percebemos uma tentativa de associar o futebol à sociedade brasileira, construindo a ideia de uma identidade coletiva, unida pela pátria e pela “raça”. Ao observarmos o título da matéria *Foot-ball Mulato* e analisarmos o texto na íntegra, é perceptível que, ao utilizar a palavra *mulato*, o autor está dizendo brasileiro. Para isso, é preciso considerar o discurso do silêncio, o qual está presente no discurso de Freyre.

O discurso do silêncio se aplica quando não é preciso dizer para poder dizer ou, segundo Renato de Mello (s/d),

o silêncio está, na verdade, representado em qualquer enunciação e está repleto de sentidos. O sujeito da enunciação muitas vezes sugere sem dizer e faz com que a linguagem adquira, paradoxalmente, uma leveza e um peso tal que a palavra tangencia o silêncio (MELLO, s/d).

Compreendendo que a utilização de um termo pode criar sentidos que o ultrapassam, visto que “palavras não são conceitos e conceitos não são palavras: entre os dois, há camadas de teoria acumulada ao longo de eras. Mas teorias são construídas sobre palavras e com



palavras” (TROUILLOT, 2016, p. 23). É possível dizer que Freyre, em *Foot-ball Mulato*, quando diz sobre jogadores brasileiros, está, na verdade, dizendo também da sociedade brasileira de modo geral, vinculando o futebol com a nação que estava se construindo.

O discurso de Freyre em *Foot-ball Mulato*¹⁰ leva ao entendimento de que o sociólogo enaltece o sujeito negro na sociedade brasileira, sobretudo aqueles miscigenados, para classificá-lo como sujeito personificador do que seria, genuinamente, brasileiro. Freyre começa dizendo

que uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivemos completa, de mandar à Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas um grande número de pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1938).

A afirmação de que o êxito e as vitórias da seleção brasileira aconteceram por conta da integração dos atletas negros permite algumas considerações, talvez a mais evidente seja que, durante a competição da Copa do Mundo de 1938, os destaques do time foram jogadores negros: o zagueiro Domingues da Guia e o atacante Leônidas da Silva, que atuaram de forma relevante e foram imprescindíveis para os resultados. O primeiro defendendo e evitando triunfos dos adversários, e o segundo fazendo gols e conquistando o destaque de artilheiro do torneio.

Analisando com um pouco mais de profundidade a citação acima, e observando que o texto é considerado aqui como uma produção não concluída e que está operando em circunstâncias sociocomunicativas, vale dizer que o discurso de Freyre está incluído em uma dinâmica social e dialoga com a realidade na qual está inserido (MUSSALIN, 2001). Portanto, é possível inferir que ao atribuir o sucesso da seleção brasileira ao resultado da mistura entre jogadores brancos e negros, está afirmando não apenas que o futebol encontrou uma forma de integrar as pessoas de cor, mas que este é uma das principais características do povo brasileiro, que a miscigenação é comprovadamente receita para o sucesso. Exemplo disso é a conquista da seleção brasileira.

Ainda a respeito da citação, percebemos o peso dado à miscigenação, como se o resultado dessa amálgama representasse o que está mais próximo daquilo que deve ser considerado nacional. Ao falar dos jogadores brancos, o autor não utiliza nenhum adjetivo para caracterizá-los, porém, quando utiliza o termo “pretalhão”, esse vem acompanhado com “bem brasileiros”, e quando emprega a palavra “mulatos”, escreve “ainda mais brasileiros”.

¹⁰ Disponível em: <<https://nacaomestica.org/blog4/?p=1782>> Acesso em: 03 fev. 2020.



Esses argumentos colocam o futebol como uma representação óbvia do desempenho de um ideal do sujeito brasileiro.

No que concerne ao objeto do discurso de Freyre no texto aqui analisado, o autor deixa explícito já no título e constrói, ao longo da narrativa, argumentos que confirmam a ideia de um futebol brasileiro, único e marcado pela miscigenação de seu povo:

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1938).

Freyre diz ainda que em nosso país se desenvolveu

de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam alas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeitão mulato. Inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações; deliciando-se em manhas moleironas, mineiras a que se sucedem surpresas de agilidade (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1938).

O autor enfatiza a ideia de que o jeito brasileiro é aquele marcado pelas gingas e improvisações, e que devido às características de nossa população (miscigenação), realizamos uma apropriação criativa do futebol, tornando-o menos esquemático. Isto é, o futebol jogado no Brasil passou a ser aquele improvisado, que contém dribles e fintas em contraste com o esporte original surgido na Inglaterra, que é marcado por padrões técnicos e táticos. Quando Freyre faz esse tipo de representação, concebe um arquétipo do que é ser mulato no Brasil; ou então, do que é ser brasileiro, isso porque defende que “ser brasileiro é ser mulato” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1938).

Para auxiliar em nossa análise, faço uso dos conceitos de discurso e representação trabalhados por Hall (2016) – que serão apresentados ao longo da análise. Chamarei atenção, neste instante para o poder de representar, o qual vai além da ideia de restrição ou coerção física. Esse poder está em caracterizar, de modo simbólico, alguém dentro de determinado regime de representação (HALL, 2016, p. 193). Para Hall (2016), a prática de representar envolve um conjunto de afetos, e o autor

afirma que a prática representacional da diferença racial “envolve sentimentos, atitudes, emoções e mobiliza os medos e as ansiedades do espectador em níveis mais profundos do que podemos explicar de uma forma simples, com base no senso comum (HALL, 2016, p. 140).



Desse modo, no discurso de Freyre, é possível perceber a intenção de criar a representação de Brasil mulato, mas mais do que isso, o autor diz que o “mulatismo” se “opõe ao formalismo apolíneo”. Com isso, está enunciando que ser brasileiro é ser indisciplinado por não ter atribuições como planejamento, ordem e racionalidade. Assim, através de representações estigmatizantes e estereotipadas, o sociólogo abastece o imaginário do que é ser brasileiro. Nesse ponto, ainda é preciso destacar que no discurso de Freyre as características do que é nacional surgiram a partir da miscigenação. Isto significa dizer que, para o autor, traços como a rebeldia, desobediência e improvisação são marcas do mulatismo, em outras palavras, da cultura negra.

Fazemos aqui um adendo para situar o leitor sobre o caminho tomado com relação ao uso do conceito de discurso. Remeto-me a Hall (2016), que desenvolve e utiliza essa noção em trabalhos nos quais escreve sobre o uso do discurso como “sistema de representação”, apoiando-se, principalmente, em Foucault. Essa ideia de representação é percebida a partir da ótica do discurso, que para ele se mostra como

um grupo de pronunciamentos que proporciona uma linguagem para falar sobre um tópico particular ou um momento histórico – uma forma de representar o conhecimento sobre tais temas. (...) O discurso tem a ver com a produção do sentido pela linguagem. Contudo, (...) uma vez que todas as práticas sociais implicam sentido, e sentidos definem e influenciam o que fazemos – nossa conduta – todas as práticas têm um aspecto discursivo (HALL, 2016, p. 80 apud HALL, 1992, p. 291).

Voltando a Freyre, em outro enunciado o autor diz que o futebol mulato é “rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de standartização”. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1938). Essa seria uma das características do futebol brasileiro:

No foot-ball, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1938).

No decorrer de seu discurso, Freyre, ao criar representações sobre as características dos jogadores, transpõe, de modo bastante característico, os atributos dos jogadores ao povo brasileiro. É possível perceber como o sociólogo já faz aproximações mais diretas ao comparar o esporte à política, ainda assim, marcando a ênfase do que seria a principal característica do povo brasileiro, o mulatismo. Novamente, o autor atribui o “gosto de flexão,



de surpresa” à cultura negra, uma vez que associa tais características à capoeira, traços notadamente da cultura e do povo negro.

O artigo *Foot-ball Mulato*, de Gilberto Freyre, é o início da ideia de que, no Brasil, foi desenvolvido um estilo próprio e singular de jogar futebol, proveniente das características miscigenadas de sua população¹¹. A ideia de Freyre refuta o imaginário restante das teorias racialistas que vinham da Europa e tinham voz no Brasil a partir de nomes como Nina Rodrigues, Oliveira Viana etc. Porém, se o texto de Freyre foi apenas o início, como essa ideia realmente vingou a ponto de tornar-se base para a identidade brasileira?

O pensamento do sociólogo criou uma interpretação inovadora acerca da formação do gentio brasileiro. O seu discurso pode ser considerado um marco divisor no processo de compreensão da cultura brasileira. Suas ideias, no tocante à brasilidade, convergem com as políticas nacionalistas do governo de Vargas, além de influenciar tantos outros setores da sociedade.

Conclusão

Este trabalho foi motivado pela assertiva feita em estudos recentes, como os de Denaldo Alchorne de Souza (2008), a respeito da construção da identidade nacional entre os anos de 1930-1947. As investigações realizadas aqui, sobre como a narrativa do autor contribui para a difusão da ideia de democracia racial, convergem com aquelas feitas pelos autores mencionados.

Constatamos assim que a matriz criada pelo sociólogo Gilberto Freyre, que apareceu, ao longo da pesquisa, com forte influência no meio intelectual nas décadas de 1930, 1940, 1950, teve função de influenciar o meio intelectual que se deparou com a temática do futebol na sociedade brasileira. No entanto, diferente do que se possa supor, o autor não escreveu em sua vida uma obra grande sobre o tema. O futebol foi trabalhado apenas em introduções,

¹¹ HELAL, Ronaldo. 80 anos do artigo *Foot-ball Mulato* de Gilberto Freyre: a eficácia simbólica de um mito. *Ludopédio*, São Paulo, v. 112, n.18, 2018. De todos os modos, para que esta ideia de estilo único pudesse ter eficácia simbólica era preciso conquistas expressivas da seleção nacional. Após um intervalo de 12 anos por conta da Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo retornou em 1950, tendo o Brasil como sede. Em um período de 20 anos, entre 1950 e 1970, tivemos seis mundiais de futebol. A seleção brasileira foi a quatro finais, venceu três, 1958, 1962 e 1970, e se sagrou tricampeã. A primeira tricampeã da história. Em 1950, apesar do vice-campeonato, a seleção goleou por 7 a 1 a Suécia e por 6 a 1 a Espanha, encantando os torcedores, antes da derrota para o Uruguai por 2 a 1. [...] Assim, em uma época anterior à globalização, a seleção teria montado quatro equipes fantásticas, repletas de jogadores excepcionais, a maioria mestiça, com maior destaque para Garrincha e Pelé. Estas equipes venceram três Copas de seis disputadas e terminaram em segundo lugar em outra, aplicando duas goleadas históricas em equipes europeias.



prefácios de livros de outros autores, artigos para jornais e revistas, como é o caso dos documentos abordados ao longo do estudo.

Compõem a narrativa do autor ideias de que, no futebol, conforme os grandes clubes integrassem os jogadores negros, esse esporte caminharia rumo à democratização, e que a presença desses jogadores faria com que o futebol, tanto em seus clubes, mas sobretudo na seleção brasileira, o tornaria mais legítimo e mais abasileirado. É a partir daí que nasce o mito de que o Brasil tem um jeito próprio de jogar futebol, responsável pelas habilidades de jogadores negros. Essa narrativa contribuiu para propagandear o sentimento de nacionalidade, tão fomentado por Getúlio Vargas e suas políticas.

Durante o período varguista, para além de combater as ideias que circulavam no país, foi criado um projeto político em que a identidade nacional foi difundida a partir de uma movimentação, a qual pode ser entendida como a desafricanização. Traços da cultura africana, como o samba, a capoeira e a feijoada, foram apropriados para criar uma identidade brasileira plural, que abrangesse uma quantidade maior da população. Em meio a esses elementos culturais, o futebol também é envolvido pela política varguista e passa a ser marca da brasilidade que se desenvolveu a partir do sucesso de jogadores negros.

No entanto, o que é crucial para este trabalho é perceber a forma violenta no modo de representar os homens negros na sua narrativa. É elemento fundante de seu livro e não notar tal particularidade pode resultar em uma apropriação da narrativa do autor de forma parcial, sem as críticas necessárias. Esperamos que essa pesquisa trabalhe em função da compreensão de temas tão relevantes para a historiografia brasileira, inclusive na atualidade, e que possa ser retomada em um futuro muito breve.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural?** 1 ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BISSOLI, Magno. **Caixa preta: samba e identidade nacional na era Vargas** - impacto do samba na formação da identidade na sociedade industrial, 1916-1945. 2004. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2004.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismos e Antir-racismos no Brasil**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.



FERREIRA, Jorge. Prefácio. In: SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

FRANZINI, Fábio. **Raízes do país do futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950). 2000 Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000.

FRANZINI, Fábio. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa de 1950. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 243-274, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HELAL, Ronaldo. 80 anos do artigo Foot-ball Mulato de Gilberto Freyre: a eficácia simbólica de um mito. **Ludopédio**, São Paulo, v. 112, n.18, 2018.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa**: delineamentos metodológicos. In: 10º encontro nacional de História da Mídia, 10., 2015, Porto Alegre: 2015. p. 4. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&src=s&source=web&cd=>>>. Acessado em 19 de jul. 2021.

MARANHAO, Tiago. “**Apolíneos e dionisíacos**”: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “**povo brasileiro**”. *Anál. Social* [online]. 2006, n.179. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721721E2nAF2ru5Xh45XE4.pdf>>. Acessado em: 23 de jul. de 2021

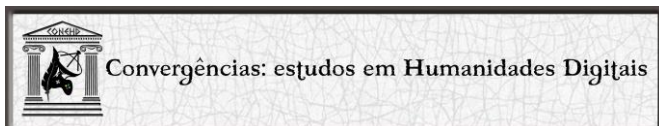
MELLO, Renato. **Silêncio faz sentido**. s/d, p. 2590. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_146.pdf> Acesso em: 15 de jul. de 2021.

MUSSALIN, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (orgs.) **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. Volumes 1 e 2. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, Débora. **Mario Filho, O Gigante Humanista**. Continente. Recife, 2018. Disponível em: <<https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/210/mario-filho--o-gigante-humanista>>. Acesso em 10 de ago. de 2020.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 34. s/p, 2012.



SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo!** Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **Pra Frente, Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950-1983)**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2018.

VELOSO, Mariza. GILBERTO FREYRE E O HORIZONTE DO MODERNISMO. **Soc. estado.**, v.15, n.2, p. 362, 2000.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado:** poder e a produção da história. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.